

DELÍRIOS: UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA COM CRIANÇAS PEQUENAS A PARTIR DAS OBRAS DE LEWIS CARROL E WOLFGANG A. MOZART¹

Caroline Machado²
Ligia Mara Santos³

Resumo: Este trabalho objetivou apresentar o relato de uma experiência de docência compartilhada, na qual um conjunto de professoras coletivamente planeja, executa e avalia ações educativas, com crianças de 0 a 3 anos de idade no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O presente texto aborda a relação da literatura com a infância apresentando e discutindo as possibilidades desta para a constituição e a ampliação do repertório linguístico, textual e imagético das crianças pequenas. Os escritos estão contaminados por aproximações com Walter Benjamin, Roland Barthes e Gilles Deleuze. Destacamos também no pensamento de Lev S. Vygotsky o par conceitual imaginação-criação. No entrecruzamento dos conceitos destes autores encontramos apoio teórico às práticas de mediação de leitura literária e à formação do pequeno leitor. Oportunizamos, por meio de diversas proposições, a inserção das crianças pequenas no processo cultural de leitura e escrita através de diferentes gêneros literários. Para tanto, elegemos um conjunto de materiais visando articular a literatura com as artes visuais, a música, o teatro, a fotografia, a dança e o cinema. Tomamos como ponto de partida e inspiração *O Delírio*, sétimo capítulo do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, para introduzir as crianças no universo da literatura fantástica, cujos elementos podem ser percebidos na relação que estabelecem de conhecimento e atuação sobre o mundo por força e exercício da capacidade imaginativa. A partir de *O Delírio*, relatamos o trabalho desenvolvido ao longo de um ano com duas obras clássicas: *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, e a ópera *A Flauta Mágica*, de Wolfgang Amadeus Mozart. Iniciamos um caminho errante que recua e avança no tempo e ensina que a literatura, assim como a brincadeira, exige uma parada no tempo, uma experiência de fruição.

Palavras-chave: Literatura, Infância, Formação de Leitores.

¹ Este texto refere-se a experiências vivenciadas por um coletivo de professoras do Núcleo Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, a partir de uma proposta de docência compartilhada. O texto descreve proposições que foram realizadas nos anos letivos correspondentes a 2014 (*Alice no País das Maravilhas*) e 2015 (*A Flauta Mágica*). Para um conhecimento mais alargado de proposições que envolveram a arte e a literatura como fios condutores para uma proposta pedagógica dirigida para crianças pequenas (zero a três anos), indicamos a leitura do texto “Mitos e lendas daqui e de lá: imaginário e diversidade cultural na formação de pequenos leitores”, trabalho realizado na mesma instituição no ano letivo de 2016 e apresentado neste evento.

² Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorado em Educação. Email: carolmachadom@yahoo.com.br

³ Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Educação. Email: ligiasantos234@gmail.com;

DELIRIUMS: A LITERARY EXPERIENCE WITH SMALL CHILDREN FROM THE WORKS OF LEWIS CARROL AND WOLFGANG A. MOZART

Abstract

The objective of this text is to describe the results of a shared teaching experience, in which a group of teachers collectively plan, execute and evaluates educational actions, with children from 0 to 3 years of age in the *Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI*, associated to the Centro de Ciências da Educação of the *Universidade Federal de Santa Catarina*. The present paper addresses the relationship between literature and childhood, presenting and discussing the possibilities of the former for the establishment and expansion of the linguistic, textual and imagetic repertoire of young children. The texts were influenced by Walter Benjamin, Roland Barthes and Gilles Deleuze. We also emphasize, from the thinking of Lev S. Vygotsky, the conceptual pair imagination-creation. In the intertwining of the concepts of these authors, we find theoretical support for the practices of mediation of literary reading and the formation of the small reader. We facilitate, through several propositions, the insertion of the small children in the cultural process of reading and writing through different literary genres. To do so, we chose a set of materials aimed at articulating literature with the visual arts, music, theater, photography, dance and cinema. We take, as a starting point and inspiration, *O Delírio* (The Delirium), the seventh chapter of the book *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Posthumous Memoirs of Brás Cubas), by Machado de Assis, to introduce children into the universe of fantastic literature, whose elements can be perceived in the relation of knowledge and acting they establish with the world through the strenght and exercise of the imaginative capacity. From “*O Delirio*” we describe the process carried out over a year with two classics of literature: “Alice in Wonderland”, by Lewis Carrol, and the opera “The Magic Flute”, by Wolfgang Amadeus Mozart. We begin a wandering path that recedes and advances in time and teaches that literature, like play, needs a frozen time, an experience of fruition.

Keywords: Literature, Childhood, Training of Readers

VI

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas
por crianças.

VII

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
Nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros

Como contar histórias para crianças pequenas?

Para os pequenos, ouvir um texto lido, uma história contada ou acompanhar uma sequência de imagens configura-se como forma de leitura, um jeito de adentrar os livros e desvelar suas contexturas e segredos.

Em cada história uma trama de experiências se entrecruza compondo um movimento no qual dançam diferentes culturas, músicas, imagens, desenhos, pinturas, dramas, personagens, romances, contos, fotografias, brincadeiras e cantos.

No encontro com o texto, com a história e com as imagens, somam-se as possibilidades de ouvir, olhar, pegar, cheirar, lambe e literalmente comer as histórias. Os pequenos estabelecem com os livros, também uma relação de devoração do objeto, deglutição de textos e texturas. E então, histórias lambidas, mastigadas e ingeridas encontram a possibilidade de serem transmutadas em delírios.

Delírio primeiro: Nas costas de um hipopótamo voador

Este texto poderia começar num bosque muito longe daqui, no qual se veria chegar um hipopótamo. Assim começaríamos uma viagem, que a princípio, pareceria sem destino.

O hipopótamo tomamos emprestado do capítulo VII de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis⁴. Deste modo iniciamos nossa arriscada experiência cavalgando sobre as costas de tal animal.

Algumas vezes, o animal passeia tão rápido por entre a vegetação do bosque, que temos a impressão de voar. Quiçá, voamos!

⁴ *O Delírio*. Capítulo VII de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Machado de Assis. Ilustrações e projeto gráfico de Marilda Castanha. Companhia das Letrinhas, 2010.

Neste ilusório voo atravessamos séculos e séculos de norte a sul. Uma viagem que nos coloca cara a cara com violentas tempestades de gelo que embaraçam nossas ideias e provocam certa vertigem. Um estonteamento que borra o espaço e o tempo.

Ao final, já exaustos, os olhos entreabertos, observamos o hipopótamo que a cada momento parece diminuir de tamanho tornando-se cada vez menor, menor e ainda menor, até terminar reduzido a um pequenino gato, que dorme e ronrona sobre o tapete de uma sala de estar.

Delírio segundo: Alice por Alice

O mesmo gato que dormia sobre o tapete da sala de estar, agora sorri para a Alice, aquela do País das Maravilhas⁵.

Uma menina perseguindo um coelho apressado cai dentro de um profundo buraco e assim começa a fantasia.

O Buraco do Coelho!!!

Um buraco

F
U
N
D
O

no qual não se para mais de cair!

Já ao chão, um pouco atordoada pela velocidade da queda, a menina ouve ao longe o sibilar do vento. Onde estaria??? Alice não consegue lembrar-se do passado, não sabe de onde veio e nem para onde vai. Depara-se com uma encruzilhada de passagens e não sabe qual caminho deverá seguir.

O mundo transformou-se num instante em grande desordem e confusão. Um tempo estranho e incompreensível num lugar mutante. Quando Alice imagina dominar o tempo e reconhecer o espaço, tudo se modifica no minuto seguinte. Uma repetição incessante de ligeiras oscilações.

Ao final, já exausta, os olhos entreabertos fixam um gato risonho. O pequenino gato, aos poucos, vai crescendo, crescendo e se converte num grande hipopótamo que caminha sem direção.

Delírio terceiro: A Flauta Mágica⁶

Numa montanha, Tamino, jovem príncipe oriental é surpreendido por um grande animal, um hipopótamo. Não entende muito bem de onde veio tal animal, lhe parece um tanto estranho e fora de lugar.

Neste cenário é acometido por um som inebriante que extasia e aprisiona. É o som de uma Flauta Mágica. O som da flauta inunda o ambiente com tonalidades esbranquiçadas, quase translúcidas. Uma nevoa veste aquele lugar, fazendo o corpo do grande animal desaparecer. Na mesma paisagem branca surge uma temível serpente que persegue o príncipe impetuosamente. Tamino luta jogando flechas contra o animal, porém, cai extasiado e vencido, perdendo os sentidos.

⁵ *Alice no Jardim de Infância*. Lewis Carroll. Ilustrações de Sir John Tenniel. Tradução Sérgio Medeiros. Iluminuras, 2013.

⁶ *A Flauta Mágica*. Ruth Rocha. Salamandra, 2013.

Este delírio assume o tom de um conto de fadas. Um tempo de duelos, traições, artimanhas, provações e desafios.

Ao final, o amor da princesa Pamina e do príncipe Tamino é consagrado, e o sábio Sarastro proclama o fim das forças do mal.

Uma estação para alcançar o amor que durará para sempre.

Assim soa o último canto que finaliza a ópera de Mozart.

Último delírio: A bicicleta epiplética⁷

Este delírio poderia terminar no mesmo cenário em que o primeiro iniciou, num bosque muito longe daqui, porém, se olharmos bem, o bosque já não é o mesmo. A imagem que se apresenta agora é a de muitos campos de rabanetes, vazios, pois não é época de rabanetes. E o que agora chega, assim vindo do nada, não é um hipopótamo e sim uma bicicleta epiplética, que viaja desacompanhada ao som embriagador da Flauta Mágica.

Uma viagem que outra vez confunde o tempo. Começa num dia que não é mais terça-feira, mas que ainda não é quarta. Um tempo incapturável!

O hipopótamo fez uma viagem para um tempo passado, foi à origem dos séculos e a bicicleta leva seus personagens a um obelisco que parece revelar um tempo à frente, mais precisamente, 173 anos depois.

Um último suspiro e a bicicleta cai ao chão em pedaços, desnordeada pelo tempo. De suspiro em suspiro, de delírio em delírio, de tempo em tempo... Sonhos, devaneios, alegorias, derivas!

Infância: quando o tempo é incapturável.

Infância e Literatura

Assim se faz possível pensar a infância por meio da literatura, com voz de poeta, em delírios. Tramas textuais de estilo mágico passeiam por um universo onírico, preche de devaneios e absurdos. Um mundo de estranhezas, lá onde as crianças vagueiam e sonham.

Iniciamos um caminho errante que recua e avança no tempo e ensina que a literatura, assim como a brincadeira, exige uma parada no tempo, uma experiência de fruição. Nesse percurso encontramos Alice⁸ que convida a seguir por outras trilhas onde elementos reais e imaginários são mesclados, borrando a fronteira entre eles. Enveredados pela narrativa da ópera *A Flauta Mágica*⁹, encontramos um cenário em que nos deparamos com um personagem muito peculiar, Papagueno¹⁰, que transformado em narrador, reconta o amor vivido entre a princesa Pamina e o príncipe Tamino¹¹. Uma história que, seriada em episódios semanais, durou um ano inteiro. É assim que, no exercício de cartógrafos, fomos desenhando um mapa da experiência vivida ao mesmo

⁷ *A Bicicleta Epiplética*. Edward Gorey. Tradução Alexandre Barbosa de Souza e Eduardo Verderame. Cosac Naify, 2013.

⁸ Personagem do livro de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*.

⁹ *A Flauta Mágica* é uma ópera em dois atos de Wolfgang Amadeus Mozart, com libreto de Emanuel Schikaneder. Estreou em Viena no ano de 1791.

¹⁰ Papagueno, personagem da ópera *A Flauta Mágica*. Ser caracterizado por metade homem, metade pássaro, que vive numa floresta sob os domínios da Rainha da Noite.

¹¹ Princesa Pamina e Príncipe Tamino, personagens da ópera *A Flauta Mágica*. Casal protagonista da história.

tempo em que traçamos e percorremos trajetos nos quais as crianças escutam, vivenciam, narram, recontam e inventam histórias.

Em meio a uma extensiva oferta produzida e endereçada para os pequenos, com textos supostamente simples, fáceis e curtos, procuramos, na prática cotidiana da leitura, analisar a qualidade dos textos, pra não incidir no empobrecimento do trabalho. Neste sentido apresentamos livros com diferentes contornos, alternando produções com texto, com imagem, com imagem e texto, com textos curtos, com textos longos.

Em algumas ocasiões, optamos por textos longos e complexos. No ano de 2014, por meio de uma experiência de docência compartilhada, um conjunto de professoras¹² coletivamente planejou, executou e avaliou ações educativas, com crianças de 0 a 3 anos de idade no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).¹³ Neste processo de docência compartilhada a literatura e as artes visuais aparecem como norteadoras do trabalho abrindo a possibilidade para a constituição e a ampliação do repertório linguístico, textual e imagético das crianças pequenas.

Transgredindo os sistemas de classificação endereçados para a faixa etária de 0 a 3 anos, que por muitas vezes é limitada, ousamos apresentar aos pequenos a história de Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*.

Alice no País das Maravilhas

Começamos apresentando a história por meio de desenhos rabiscados por uma das professoras. Alguns episódios da narrativa foram grafados num grande caderno e assim contou-se a história pela primeira vez.

Esta versão inicial descreveu a menina junto de sua irmã mais velha: enquanto a irmã lia um livro, Alice encontra-se aborrecida e um pouco sonolenta. Inesperadamente, a menina avista um coelho que passa por ali muito apressado. Seguindo o caminho do coelho, a menina se depara com muitos desafios e aventuras: a queda ininterrupta num buraco pra lá de profundo, a dificuldade de seguir o coelho que desaparece atravessando uma pequenina porta, a descoberta da inusitada possibilidade de aumentar e diminuir de tamanho, um encontro ameaçador com a Rainha Vermelha, um exército de cartas de baralho e o apaziguador despertar de um sonho maluco.

Para a contação deste episódio criamos um ambiente provocador, e ao final do enredo, as crianças se depararam com um exército de cartas de baralho, que estavam

¹² Por constituir-se como um campo de experimentação pedagógica, tal quais os Colégios de Aplicação vinculados as universidades federais, o Núcleo de Desenvolvimento Infantil além de atuar como campo de estágio para as diferentes licenciaturas e cursos da Universidade Federal de Santa Catarina, também vem objetivando repensar o ensino e as possibilidades do trabalho pedagógico. Nesse contexto, um conjunto de professoras vem desafiando-se a pensar a docência a partir de outras possibilidades; diferentes reorganizações de grupos de crianças com variadas faixas etárias, arranjos diversos para uma docência compartilhada. No ano de 2014 participaram desta experiência as professoras Caroline Machado, Lígia Mara Santos e Saskya Bodenmüller.

¹³ O Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) iniciou suas atividades em 1980 e busca consolidar-se como um centro de referência na área da educação infantil que, por meio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, produz e socializa conhecimentos sobre infância. O NDI atende crianças de 4 meses a 5 anos e 11 meses de idade e, atualmente, o ingresso é realizado mediante sorteio público aberto a comunidade interna e externa da UFSC. Sua equipe é constituída por professores mestres e doutores, bem como por servidores técnicos administrativos igualmente qualificados e de diferentes áreas, incluindo setor de Atendimento a Saúde e Nutrição. Para maiores informações a respeito da história e do funcionamento do Núcleo, consultar: <http://ndi.ufsc.br>.

colocadas atrás delas. Depois da surpresa puderam manusear e brincar com estes elementos, que para muitas das crianças era novo. A história foi repetida muitas vezes de diferentes maneiras.

Para um momento subsequente, utilizamos a primeira adaptação de Alice para o cinema, um filme mudo, em preto e branco, de 1903¹⁴. Após algumas visualizações as crianças foram identificando alguns personagens e se apropriando do enredo. Nas primeiras experiências, as professoras relataram alguns acontecimentos da história enquanto observávamos as imagens em movimento, depois as crianças contaram, recontaram, inventaram, brincaram e representaram.

Lemos diferentes passagens do texto: *O lago de Lágrimas, A Lagarta Azul, O Bebê Porquinho, O Chá Maluco*, entre outros. Cada episódio foi preparado e apresentado de maneira particular. Cenários, indumentárias, imagens, e os mais variados elementos, compuseram as histórias vistas, ouvidas, lambidas, lidas, narradas, contadas e encenadas.

Para o evento do *Chá Maluco*, um chá colhido na horta da instituição e preparado com cuidado. Durante a degustação, uma visita inesperada: Alice chega para compartilhar conosco os sabores da hortelã e do capim limão.

Na passagem *Como Alice Cresceu!*, uma caixa de papelão alta, funciona como casa, abrigo, e simula as mudanças de tamanho da personagem. Uma professora entra na caixa, que contém um banco que não é visto pelas crianças, no qual ela sobe e desce, dando a impressão de estar mais baixa ou mais alta. Estratégias simples que encantam os pequenos, oferecendo magia aos devaneios que compartilham com a personagem Alice.

No decorrer do trabalho, o grupo de crianças foi cada vez mais se identificando com as aventuras da menina curiosa, determinada e destemida.

Além dos cenários adaptados e improvisados, também disponibilizamos para as crianças vários livros que contam a mesma história de formas diferente.¹⁵

Filmes de distintas épocas¹⁶ e ilustrações de diferentes artistas¹⁷ também compuseram a aproximação que engendramos com as crianças e a obra de Lewis Carroll. Uma experiência que durou um semestre inteiro.

¹⁴ Adaptação para o cinema da obra de Lewis Carroll *Alice no País das Maravilhas*, dirigida por Cecil Hepworth e Percy Stow, realizada 37 anos após a publicação do romance e baseada nas ilustrações originais de Sir John Tenniel.

¹⁵ Existe uma enorme quantidade de versões e de adaptações de *Alice no País das Maravilhas*, provavelmente uma das obras mais adaptadas em todos os tempos. Em seguida, indicamos alguns exemplares utilizados ao longo do trabalho com as crianças:

- a. CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das Maravilhas*. Tradutor Maria Luiza Borges. Ilustrador John Tenniel. Editora Zahar. Coleção Clássicos Zahar.
- b. CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Tradutor Nicolau Sevcenko. Ilustrador Luiz Zerbini. Editora Cosac Naify.
- c. CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Ilustrador Dorotéia Vale. Adaptação Nilson José Machado. Editora Scipione.
- d. CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Autor; CARROLL, Lewis. Ilustrador; KUSAMA, Yayoi. Editora, Globo Livros.
- e. CARROLL, Lewis. *Alice no Jardim de Infância*. Autor; CARROLL, Lewis. Ilustrador; TENNIEL, Sir John. Tradutor; MEDEIROS, Sérgio. Editora, Iluminuras.

¹⁶ Para o cinema destacam-se a primeiríssima adaptação britânica de 1903, dirigida por Cecil Hepworth e Percy Stow; a adaptação produzida pelos Estúdios Disney em 1951 que mescla os dois livros de Carroll, a de Jonathan Miller de 1966 e uma das mais recentes, de Tim Burton, produzida em 2010.

¹⁷ Foram utilizadas no decorrer do trabalho ilustrações produzidas por diferentes artistas: Sir John Tenniel, Jonathan Miller, Salvador Dalí, Yayoi Kusama, Maggie Taylor, Strba Annelies, Anna Gaskell,

A Flauta Mágica

No ano de 2015, também por meio de uma experiência de docência compartilhada, outro coletivo de professoras¹⁸ iniciou um trabalho com três grupos de crianças com idade compreendida entre 2 e 3 anos.

A proposta surgiu de uma conversa entre as três professoras, de aspirações, ideias e desejos que se entrelaçaram configurando o esboço de um começo. O encantamento das professoras pela música de Mozart e pelo filme de Ingmar Bergman, “A Flauta Mágica”, funcionaram como inspiração inicial. O encontro com o livro de Ruth Rocha, adaptação da ópera para literatura para crianças, foi definidor para o arranjo inicial da história.

Posteriormente, o compartilhamento da proposta com a professora de artes da instituição, Vânia Broering, e com as estagiárias do curso de Teatro¹⁹, configurou uma história com fios tramados a muitas mãos.

Seguindo o caminho da ópera *A Flauta Mágica*, nossa história também foi contada em dois atos: I Ato, primeiro semestre de 2015; II Ato, segundo semestre de 2015.

Para dar início ao trabalho escolhemos um personagem que contribuiu para o desenrolar de toda a trama, o Papagueno. A partir dele, construímos nossos primeiros encontros e os subsequentes.

Surgiu então, o rascunho de um Papagueno com algumas características indicadas num bilhete escondido dentro do bolso de um paletó, perdido na frente da instituição. O paletó juntamente com o bilhete foi trazido para o espaço do solário²⁰ pelas estagiárias do teatro.

Os achados foram apresentados às crianças para que desvelassem o enigma: de quem era aquele paletó? Mexemos na roupa, sentimos a textura, procuramos pistas. Inesperadamente uma criança encontra o bilhete escrito em forma de poema. O bilhete é um apelo, um pedido de ajuda para procurar certo Príncipe Tamino.

Ao final daquela tarde também entendemos que ao vestir o paletó, tínhamos o poder de voar. As crianças vestiam o paletó e desde uma plataforma alta saltavam e voavam aterrissando sobre um aconchegante colchão. Descobrimos que era possível voar!!! Vestíamos o paletó e saltávamos em voos estonteantes.

Na semana seguinte Papagueno chega ao NDI, voando!!! Figura um tanto estranha, homem coberto com penas, uma espécie de pássaro/homem. Carrega sempre consigo uma flauta que toca para atrair pássaros. Papagueno vive próximo das montanhas, lá caça passarinhos que troca por comida e bebida com as damas da Rainha da Noite.

Neste dia, Papagueno já apareceu vestido com o paletó de penas, ficou escondido atrás de um arbusto e tocou um tambor para atrair a atenção das crianças que se encontravam brincando no parque. Após encontrá-lo as crianças conversaram com Papagueno, que disse estar fugindo das Damas da Noite. Papagueno oferece uma pena

Tim Burton.

¹⁸ Participaram da experiência deste ano de 2015 as professoras Caroline Machado, Josiana Piccolli e Lúcia Mara Santos.

¹⁹ Estagiárias do curso de Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Beatriz Cripaldi e Mônica Amorim da Costa; professor orientador, Vicente Concílio.

²⁰ Solário: espaço da instituição localizado entre as salas e o parque externo.

mágica para cada criança indicando que a mesma deverá ser amarrada junto ao corpo, pois o uso de tal adereço dará às crianças a possibilidade de voar.

Subitamente o pássaro/homem começa a voar muito rápido e as crianças já não conseguem acompanhá-lo. Papagueno escapou voando (correndo) para fora da instituição. As crianças perseguiram seu movimento correndo próximo aos muros vazados da instituição e avistando de longe o personagem que aparecia e desaparecia.

Vinculado ao encontro anterior vamos com o grupo de crianças a procura de Papagueno que havia desaparecido na direção do espaço da Botânica²¹. Realizamos a caminhada até a Botânica atentos a qualquer possível sinal do pássaro/homem. Quando chegamos à entrada, ouvimos um som de flauta e não tivemos dúvida, deveria ser Papagueno.

O personagem estava escondido outra vez atrás de um pequeno arbusto e foi aparecendo aos poucos. Caminhava lento e um tanto temeroso, outra vez fugia das damas da Rainha da Noite.

O local, antiga torre onde vivia Rapunzel²², guarda segredos e temores. Neste lugar também vive uma bruxa muito má que assusta a todos com sua risada maléfica e estridente.

Conversamos com Papagueno e convencemos o mesmo de nos abrigarmos no NDI, local mais seguro, longe dos olhares e ameaças de bruxas e damas da noite. No NDI, Papagueno pediu ajuda para encontrar o Príncipe Tamino e, com suas indicações realizamos retratos falados que orientaram nossa procura.

Outra vez, Papagueno foge, voa (corre) assustado para fora da instituição. As crianças tentam alcançá-lo, mas é impossível, Papagueno é astuto e veloz. O pássaro/homem desaparece num voo ligeiro.

Em outra ocasião, Papagueno voltou ao NDI para buscar a ajuda das crianças para novamente encontrar o Príncipe Tamino. Fomos todos até a Botânica, procurar o Príncipe. E para nossa admiração, encontramos o Príncipe desmaiado ao chão por ter sido surpreendido por uma assombrosa serpente.

Papagueno viu o príncipe atirado e observou que a serpente já estava morta.

Quando o Príncipe acordou perguntou a Papagueno se foi ele o responsável pela morte da serpente, Papagueno mentiu e se enalteceu dizendo que sim, que matou a temível com suas próprias mãos. Tamino ficou impressionado com a aparente coragem e astúcia da figura. Ao descobrir que Tamino é filho de um verdadeiro rei, Papagueno fica impressionado e honrado de estar diante de alguém tão importante.

De episódio em episódio fomos tramando e construindo a história. Ao longo de todo um ano desfrutamos dos diferentes contornos da fascinante narrativa de *A Flauta Mágica*. Muitas vezes a história foi lida, em outras, encenada. Foi também enredo para inspiradas e divertidas brincadeiras.

A composição de cenários aludiu à ambientes de suspense e magia. Construimos uma história viva e em movimento, na qual, crianças, professoras e estagiárias envolveram-se num clima de ficção e fantasia.

O uso de indumentárias para caracterizar os diferentes personagens durante a apresentação da história foi também o que depois circulou entre as crianças possibilitando jogos cênicos e a criação de novos enredos. Instrumentos musicais marcaram tempos e caracterizaram alguns personagens, a flauta doce e os tambores

²¹ Espaço da UFSC vinculado ao Departamento de Botânica, situado próximo do NDI.

²² O espaço da Botânica foi reduto de outras brincadeiras e ficções, abrigou em outros tempos, Rapunzel, personagem de um conto de fadas.

apareceram repetidamente. Ainda para apresentar *A Flauta Mágica* utilizamos imagens produzidas por distintos artistas²³ que por meio de seus desenhos, pinturas, fotografias, vídeos, filmes, animações, multiplicaram e coloriram nossa história.

A história correu livre sem destino durante o passar de um alongado tempo, em seus inusitados movimentos, muitas coisas aconteceram, e um dia a poderosa Rainha da Noite²⁴ foi convertida em dura e abismada pedra.

O tempo passou e ao final, o imprevisito retorno da Rainha da Noite!

Misteriosamente a Rainha da Noite abre seus olhos saindo de seu estado petrificado. Agora desperta e vestida com sinistro traje preto, vagueia próximo ao novo templo de Sarastro²⁵.

A Rainha da Noite canta sua ária de vilã.

Sobre Delírios: Qual o tempo do delírio, do sonho, do devaneio, da fantasia?

Um pequeno desvio.

Os pés irrequietos das crianças procuram terrenos estranhos para pisar. Quanto mais esburacados, pedregosos, enlameados, mais brincadeiras rendem. Desafiando o equilíbrio da verticalidade que lhes ensinaram, acabam encontrando outros centros de amparo.

Parecem ouvir a voz do chão a lhes dizer: cai que eu te cuido.

O Chão delas é o da ilimitada curiosidade, da bisbilhotice, da expedição exploratória. Nunca está firmemente assentado num lugar. Não é chão para se medir em passadas nem para se calcular a velocidade de um deslocamento. É um chão de farras, de ambulação, de perquirição. Chão de piruetas, de extravagâncias, onde se investigam e inventam formas de caminhar, modos de viver.

Rosane Preciosa

O encontro das crianças pequenas com os livros é permeado de muitas possibilidades e temos sempre o cuidado de selecionar livros com textos e imagens poéticas que ao mesmo tempo em que contam histórias, arquitetam ricas orbes de ficções. Ficções que permitem viagens em “expedições exploratórias”.

Lemos histórias para que as crianças escutem a palavra lida e partilhem experiências de fruição com os textos e com a literatura. A partir de textos lidos e de imagens cuidadosamente espreitadas em suas minúcias, adultos e crianças compõem outros textos, outras imagens. Criamos nossas histórias com nossas urdiduras.

As experiências literárias aqui contadas indicam o uso de textos da literatura nonsense²⁶, propriamente, delírios. Textos complexos e sem sentido que supostamente

²³ Existem diferentes versões e adaptações da ópera de Mozart, em seguida a indicação de alguns materiais utilizados ao longo do trabalho com as crianças:

- a. *A Flauta Mágica*, adaptação de Ruth Rocha, editora Salamandra.
- b. Ópera em Quadrinhos: Adaptação do texto e roteiro de Rosana Rios e desenho de Sam Hart.
- c. *A Flauta Mágica*, adaptação de Ruth Rocha, editora Callis.
- d. *A Flauta Mágica*, adaptação de Alejandra Schmidt, ilustração de Carolina Durán.
- e. *A Flauta Mágica*, adaptação de Rosana Rios, ilustrações de Nelson Cruz.
- f. *A Flauta Mágica*, adaptação de Lee Mi Oak, tradução de Heloisa Prieto, ilustração de Edmee Cannard.
- g. Filme da cineasta alemã Lotte Reiniger, de 1935. Animação com silhuetas.
- h. Trechos do filme de Ingmar Bergman de 1975.

²⁴ Personagem da ópera *A Flauta Mágica*. Figura dramática que ambiciona o poder. Mãe de Pamina.

²⁵ Personagem da ópera *A Flauta Mágica*. Sacerdote que no enredo da história representa o bem.

não seriam compreendidos por crianças com tão pouca idade. Qual o sentido ao apresentar tais textos? Qual o sentido dos textos? Qual o sentido das imagens?

Os textos avaliados como complexos e difíceis são excluídos da biblioteca para os pequenos que supostamente necessitam de textos de composição simples permeados com palavras consideradas acessíveis para o público infantil. Às vezes temos a ilusão que entendemos exata e completamente como se dá o processo de compreensão do mundo para cada criança, com essa pretensão conseguimos apenas aprisionar muitas das facetas da infância em nossos olhares pouco apurados. As expressões infantis continuamente transbordam, escapam e resistem. Em seus transbordamentos nos surpreendem com suas expressões incapturáveis, e aí reside o melhor e o mais difícil de nosso convívio ficcional.

As crianças pequenas estão em processo de apropriação das coisas do mundo, construindo sentidos. Estão abertas para aquilo que ainda não é e para o que se encontra em processo de ser, estão aprendendo a nomear o mundo. A aparente falta de sentido que pode desnortear um adulto, apresenta-se como um universo de possibilidades para os pequenos que bisbilhotam tudo com olhar atento e curioso. Um aprender o sentido das coisas e inventar outros.

As crianças amam as palavras, amam brincar com as palavras. “Palavra cor”, palavra sabor. E para falar sobre o prazer das palavras, Barthes:

Quando compro tintas, guio-me apenas por seus nomes. O nome da cor (*amarelo indiano, vermelho-persa, verde-celádio*) traça uma espécie de região genérica no interior do qual o efeito exato, especial, da cor é imprevisível; o nome é então a promessa de um prazer, o programa de uma operação: sempre há *futuro* nos nomes plenos. Assim quando digo que uma palavra é bela, quando a emprego porque ela me agrada, não é absolutamente por causa de seu encanto sonoro ou da originalidade de seu sentido, ou de uma combinação “poética” dos dois. A palavra me arrebatava segundo essa ideia de que *vou fazer alguma coisa com ela*: é o estremecimento de um fazer futuro, algo como um *apetite*. Esse desejo mexe com todo o quadro imóvel da linguagem. (BARTHES, 2003, p.146)

Os textos “sem sentido” ganham força e acontecem na imaginação das pequenas crianças. Textos abertos nos quais se pode aprender a criar sentidos e experimentar o sabor das palavras.

Na trilogia do adeus de João Anzanello Carraschoza, no segundo volume, *Menina escrevendo com o pai*, a personagem rememora suas primeiras lembranças nas quais as coisas do mundo vão aos poucos tomando forma.

A primeira lembrança. O ponto onde começamos a tomar consciência de nós mesmos. Eu não preciso revolver o passado para encontrar essa lembrança número um. É só fechar os olhos e, outra vez, ela me vem: eu sou bebê, estou numa cadeirinha improvisada atrás do selim de uma bicicleta, ele, meu pai, com as mãos no guidão, pedala sem pressa. Eu ouço a sua voz, meu pai me pergunta se estou gostando do passeio, eu digo que sim, eu vejo árvores manchando o caminho por onde passamos, mas, até aquela hora, eu não sei ainda o que são árvores, eu sinto no rosto uma carícia – invisível, eu não sei ainda que é o vento me lambendo, eu vejo a paisagem envolta por uma forte

²⁶ Expressão inglesa que denota algo sem sentido, lógica ou coerência. Não-senso. Considerado um gênero literário, o nonsense encontra Lewis Carroll como importante autor representante.

claridade que entra nos meus olhos, eu não sei ainda que é o sol, eu ouço meu pai cantarolar e tenho vontade de rir, e eu rio, eu estou me divertindo, e eu vejo, na direção contrária, uma mulher e um cachorro, mas eu não sei plenamente que é uma mulher e um cachorro, as coisas estão ainda se nomeando para mim. (CARRASCOZA, 2017, p.11 e 12).

As crianças pequenas com as quais trabalhamos, que ainda não conhecem plenamente as coisas, que ainda não conhecem plenamente as palavras, mas que estão inteiras e curiosas para aprender. Aprender sobre as coisas vistas, sobre as coisas tocadas, sobre as coisas escutadas, sobre as palavras pronunciadas, tudo vai tomando vida, ao seu tempo, em seus pensamentos. Uma mistura do que já sabem com o que não sabem ainda e dessa combinação formam-se singulares mundos com novas coisas, novas palavras.

No jogo da literatura repetem falas, imitam personagens, tornam-se príncipes, bruxas, fadas e vilões. E assim histórias escutadas transformam-se em brincadeiras, em experiências.

Todos conhecem o enorme papel da imitação nas brincadeiras das crianças. As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. No entanto, esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorrem na realidade. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde as aspirações e aos anseios da criança. (VIGOTSKI, 2009, p. 17)

Os diferentes textos proporcionam inúmeras formas de aproximação da criança com a cultura que desta forma “acumula experiência” enquanto saboreia o mundo por meio da literatura.

Segundo Vigotski:

Os processos de criação manifestam-se com toda sua força já na mais tenra infância. [...]. A atividade criadora, em cada estágio etário tem uma expressão singular; cada período da infância possui sua forma característica de criação. Além disso, não existe de modo isolado no comportamento humano, mas depende diretamente de outras formas de atividade, em particular do acúmulo de experiência. (VIGOTSKI, 2009, p. 19).

No jogo da literatura, da repetição, da imitação, o “puro devir”. Em seu livro “A Lógica do Sentido”, Deleuze emprega a obra de Lewis Carroll como referência para pensar o paradoxo, o puro devir, o acontecimento. O sentido e o não-sentido, Alice em “um jogo do sentido e do não-senso, um caos-cosmos” (DELEUZE, 2011).

A constituição paradoxal da teoria do sentido, o paradoxo como afirmação de dois sentidos ao mesmo tempo, “um devir-louco que não se detém nunca”.

Segundo Deleuze,

[...] “séries de paradoxos formam a teoria dos sentidos, e que esta teoria não seja separável de paradoxos explica-se facilmente: o sentido é uma entidade não existente, ele tem mesmo com o não-senso relações muito particulares”. (DELEUZE, 2011)

As crianças nos ensinam a desconfiar, a discordar e a subverter os significados das coisas tal qual se apresentam. Elas não se deixam aprisionar pelo significado aparente, dessa forma, propõem diversas possibilidades de significação (MOMM, 2006, 2011). A significação não é a palavra de ordem, e os sentidos entram pelos poros.

Alice assim como Do outro lado do espelho tratam de uma categoria de coisas muito especiais: os acontecimentos, os acontecimentos puros. Quando digo “Alice cresce”, quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela se *torna* um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo”. (DELEUZE, 2011, p. 1)

Com Alice brincamos com os sentidos, nada era determinante. Na criança há sempre a possibilidade de alterar os sentidos das coisas, um jogo desconexo incessante.

Na obra de Mozart, *A Flauta Mágica*, o personagem Papageno envolve o bem-mau, o certo-errado, a coragem-medo e sentimentos nobres-frívolos. Um personagem que a todo momento imprime o paradoxo na sua forma de estar no mundo. Papageno encanta as crianças com sua forma transitória de ser, muito parecido com elas, encontra-se sempre em movimento fazendo cada coisa tremelicar.

O Delírio de Machado de Assis marca o tempo do sonho, do devaneio onírico. A obra de Edward Gorey, *A bicicleta epiplética*, personagens paradoxais se embaraçam com o tempo, e passado e futuro se fundem atonitamente. Um tempo incapturável, o tempo do acontecimento.

Na literatura

não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando – a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar [...] vence a parede ilusória da superfície e, esgueirando-se por entre tecidos e bastidores coloridos, adentra um palco onde vive o conto maravilhoso. [...] Nesse mundo permeável, adornado de cores, em que a cada passo as coisas mudam de lugar, a criança é recebida como participante. Fantasiada com todas as cores que capta lendo e contemplando, a criança se vê em meio a uma mascarada e participa dela. Lendo pois se encontraram as palavras apropriadas a esse baile de máscaras, palavra que revolteiam confusamente no meio da brincadeira como sonoros flocos de neve. [...] Ao elaborar histórias, crianças são cenógrafos que não se deixam censurar pelo ‘sentido’. (BENJAMIN, 2002, p. 69).

Não só aquele que lê é renovado pelas histórias no livro contidas, mas também o mundo e a compreensão acerca dele, que pode ser alterada em cada novo contato.

Sempre que o “era uma vez” é pronunciado entramos em contato com um mundo novo, desconhecido, inexplorado, distante. Ou reencontramos aqueles doces *paraísos* que não nos cansamos de

visitar, mas nos quais, a cada nova jornada empreendida, surpresas nos aguardam. (MOMM, 2006)

Referências:

ASSIS, Machado. **O Delírio. Capítulo VII de Memórias póstumas de Brás Cubas.**

Ilustrações e projeto gráfico de Marilda Castanha. Companhia das Letrinhas, 2010.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças.** Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes.** Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Editora 34, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Menina escrevendo com pai.** São Paulo: Alfabeta, 2017

CARROLL, Lewis. **Alice no Jardim de Infância.** Ilustrações de Sir John Tenniel. Tradução Sérgio Medeiros. Iluminuras, 2013.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das Maravilhas.** Coleção, Clássicos Zahar.

Tradução de Maria Luiza Borges. Ilustração de John Tenniel. Editora Zahar, 2010.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas.** Tradução de Nicolau Sevcenko. Ilustração de Luiz Zerbini. Editora Cosac Naify, 2010.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas.** Ilustração de Dorotéia Vale. Adaptação de Nilson José Machado. Editora Scipione, 2002.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas.** Ilustração de Yayoi Kusama. Editora Globo Livros, 2014.

GOREY, Edward. **A Bicicleta Epiplética.** Tradução Alexandre Barbosa de Souza e Eduardo Verderame. Cosac Naify, 2013.

OAK, Lee Mi. **A Flauta Mágica.** Adaptação de Lee Mi Oak. Tradução de Heloisa Prieto. Ilustração de Edmee Cannard. FTD, 2012.

MOMM, C. M. **Entre memória e história: estudos sobre a infância em Walter Benjamin.** 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

_____. **Sobre infância e sua educação:** Walter Benjamin e Hannah Arendt. 2011. 176p. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade:** sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina e Editora da UFRGS, 2010.

RIOS, Rosana. **Ópera em Quadrinhos:** Adaptação do texto e roteiro de Rosana Rios. Ilustração de Sam Hart. Editora Scipione, 2013.

RIOS, Rosana. **A Flauta Mágica.** Adaptação de Rosana Rios. Ilustrações de Nelson Cruz. Editora Scipione, 2005.

ROCHA, Ruth. **A Flauta Mágica.** Salamandra, 2013.

_____. **A Flauta Mágica.** Adaptação de Ruth Rocha. Editora Callis, 2005.

SCHMIDT, Alejandra. **A Flauta Mágica.** Adaptação de Alejandra Schmidt. Ilustração de Carolina Durán. Editora Zig-Zag, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2009.